

# Projeto

## Ensinos na Pandemia

Direito e Discriminação (2020)

Grupo - Ensino

Nomes e N°USP:

Ana Chen	11265601
Gustavo Akira de Oliveira Simbara	11265240
Juliana Rosa Miranda	11264002
Lucas Pereira Calmon	11264659
Maria Eduarda Braga Ribeiro	11201151
Maria Helena Segundo Cabrera	1508276

# Relatório de entrega

## Estrutura

Nosso projeto, chamado Ensinos na Pandemia, consiste numa série de postagens na plataforma digital da Gazeta Arcadas. Dessas postagens, uma é introdução ao projeto, sete são relatos e uma é a conclusão da série.

A introdução visa contextualizar o leitor no mundo do vestibular na pandemia, bem como apresentar o formato e incentivar a leitura das outras postagens.

Os relatos são textos literários produzidos com base em entrevistas, realizadas com pessoas que se enquadravam em tipos envolvidos com o vestibular, desde alunos a professores, de diferentes círculos educacionais.

A conclusão almeja uma análise do quadro encontrado hoje no Brasil, correlacionando os fatos, o direito e a discriminação, por meio do desenvolvimento de conceitos e efeitos da pandemia no sistema educacional.

## Objetivos

Desde o planejamento do projeto, tivemos um enfoque na empatia, então, após classificarmos os vestibulandos como um dos grupos mais afetados pela pandemia, passamos a elaborar meios de aproximar quem está distante da realidade discriminatória do vestibulando, seja quem já prestou vestibular um dia, quem nunca prestou ou mesmo quem ainda está prestando, mas desconhece realidades diferentes da sua.

Com isso, buscamos quem entrevistar, para que então elaborássemos relatos com uma base considerável na realidade, de modo que quem estivesse se expressando no texto fosse alguém real e por quem o leitor poderia empatizar.

Visando uma ampla divulgação, buscamos tanto os meios através de redes sociais, como um instagram próprio e o do Arcadas Vestibulares, como também trabalhamos na adaptação da narrativa para que fosse amplamente acessível, para muito além do contexto jurídico.

A opção pela série de relatos também se relaciona com a experiência do leitor que, mesmo sem necessariamente acompanhar as postagens, eventualmente encontra um dos relatos e busca saber mais sobre outras realidades, ou se aprofundar no tema, lendo nossa introdução e conclusão. Por esse motivo elaboramos a série de forma descontínua e independente, ainda que tenha um começo e um fim, o leitor faz seu próprio caminho pelos textos que lhe interessar.

Quanto à parte técnica, almejamos transmitir não mais do que o necessário, por não se tratar de um trabalho acadêmico, mas sim voltado para um público mais amplo. Para tanto, afastamos os conceitos dogmáticos e consolidados em favor de uma linha de pensamento mais sugestiva do que impositiva.

## Divulgação

Para a divulgação, optamos pela Gazeta Arcadas para hospedagem de nossos textos, em função da afinidade do tema com a proposta da Gazeta e com o curso de Direito como um todo, além de servir como um local em que os textos sempre estarão presentes, em decorrência da proporção e seriedade da entidade.

Além disso, criamos nosso próprio perfil no instagram, no qual estamos realizando as postagens das artes e dos links para os textos, podendo contar com a ajuda do Arcadas Vestibulares na divulgação, compartilhando nossas postagens em seu próprio perfil, ampliando o contato direto das publicações com a comunidade.

Perfil do intagram: <https://www.instagram.com/projetoenp/>

## Efeitos

Primeiramente, vale ressaltar o crescimento pessoal sentido pelo grupo como um todo. O exercício de elaboração dos relatos gerou uma interiorização das experiências relatadas para que fosse possível traduzi-las para uma linguagem literária, além do esforço em favor de ampliar a acessibilidade textual, o que foi na contramão do que costumeiramente se observa no âmbito do direito.

O efeito almejado na comunidade, o que transcende os objetivos concretos já expostos, é uma sensibilização das pessoas que deixaram o vestibular para trás ou nunca o interpretaram sob a ótica do vestibulando. Isso pode ocorrer mesmo com pessoas que poderiam ser consideradas próximas dessa realidade, como os pais do vestibulando ou o professor engessado em sua própria metodologia.

Isso só foi possível na medida que afastamos os dados numéricos, que por mais que expressem uma realidade, são frios e dificilmente transmitem todas as subjetividades das situações. Evitamos a comum supervalorização da ciência do mundo jurídico e demos espaço para um exercício de humanidade que denuncia as desigualdades e discriminações dos Ensinos na Pandemia.

À diante encontram-se nossos relatos:

**Postagens:**

# Introdução

# Arte



# INTRODUÇÃO AO PROJETO

*“A sala de aula com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades.” - Bell Hooks*

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” - Paulo Freire

## CONTEXTO

Março de 2020. O coronavírus chegou ao Brasil e com ele a COVID-19. Todos deveriam ficar em casa. Sem ir ao trabalho, sem ir à escola, sem encontrar as pessoas. Abruptamente, o isolamento social, como única forma de evitarmos o contágio da doença, nos impôs uma nova realidade.

Apesar do sentimento de perplexidade, logo encontramos soluções. Dessa forma, aqueles que puderam, ficaram trabalhando em casa remotamente, pela internet. E como resolver a questão do ensino?

A solução também foi dada pelo uso da internet. As aulas passaram a ser dadas remotamente. Todos os envolvidos no sistema educacional tentaram se adaptar, rapidamente, à nova situação. O processo de ajustamento, no entanto, exigiu mais habilidades técnicas e emocionais dos professores, alunos e pais, além da necessidade de uma internet de qualidade e, no mínimo, de um aparelho celular.

Mas, será que essas exigências foram supridas de fato? As escolas públicas estavam tão preparadas quanto as privadas para esse novo desafio? Se não, quais foram as reais implicações dessa mudança para o nosso ensino?

## DESIGUALDADE SOCIAL E ECONÔMICA NO BRASIL

Sabe-se que o Brasil é um dos países com maiores índices de desigualdades sociais e econômicas no mundo, e essa realidade se estende, inclusive, à educação. Então, será que essa desigualdade não foi aprofundada nesse contexto pandêmico? Em que medida isso ocorreu?

No ensino, particularmente, os problemas resultantes das desigualdades sociais e econômicas há muito tempo, provocam disparidades no grau de aprendizado e no futuro



profissional e financeiro dos estudantes. Nas escolas de ensino público, o ensino encontra toda sorte de obstáculos para ser realizado: alunos de famílias de menor poder aquisitivo e discriminados, professores subvalorizados, com remunerações insuficientes e sem boas estruturas de trabalho e falta de implementação de políticas públicas para transformar essa realidade injusta. Nas escolas privadas, a realidade do contexto educacional é menos frustrante: de forma geral, alunos e professores não enfrentam as dificuldades que se apresentam no ensino público.

## **APRESENTAÇÃO DO PROJETO**

Depois de algumas discussões frente a todos esses questionamentos e buscando mergulhar em suas descobertas, idealizamos o projeto Ensinos na Pandemia e resolvemos realizar entrevistas com pessoas que estivessem envolvidas no contexto do vestibular, desde alunos em seu primeiro contato real com as provas, até professores, acostumados com a realidade do vestibular.

## **RELATOS**

Decidimos transformar as entrevistas em relatos literários para apresentação final à comunidade. Concordamos que, ao escrever as informações e desabafos dos nossos entrevistados, poderíamos, impulsionados pelo poder da linguagem literária, perceber e expressar melhor suas dificuldades e sentimentos.

Em relação à problemática da educação em nosso país, nosso intuito é produzir textos que aproximem o leitor às vidas cercadas pela difícil realidade do acesso ao ensino, tudo isso em meio à pandemia.

Vocês poderão, a seguir, ler os relatos literários feitos a partir das histórias de sete entrevistados, que expõem as suas realidades, opiniões e pensamentos sobre tudo que tem acontecido no mundo do vestibular.

Após os relatos, seguirá nossa conclusão, na qual faremos uma análise crítica da problemática pesquisada, com foco nas discriminações sociais e econômicas apontadas no resultado de nossa pesquisa, com um especial comentário sobre o Direito e algumas formas pelas quais ele permeia a realidade estudada.

**VENHA CONHECER OS DIFERENTES ENSINOS NA PANDEMIA!**

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

Relato:  
Professor de Cursinho  
Popular

# Arte



# Relato: Professor de Cursinho Popular

Na série literária de hoje, conheça a história de Paulo Neves (nome fictício), 20 anos, aluno da Faculdade de Direito da USP e professor-plantonista do cursinho popular pré-vestibular *Arcadas*.

Após uma noite virado terminando um dos trabalhos acumulados da Faculdade, estou deitado, imóvel, ouvindo uma voz calma que sai do computador: “[...] *Mas os transtornos da pandemia não podem ser utilizados como justificativa por devedores inadimplentes, desempregados e hipossuficientes; afinal o ordenamento jurídico não pode ser reinterpretado para se fazer ‘política social’ [...]*”. O alarme do meu celular toca, mostrando que a monitoria – que deveria acabar às 17h45 – se estende mais uma vez até às 17h55, sem dar qualquer indicativo de estar se encaminhando para o fim. Depois de pensar um pouco, decido apertar *Enter* na mensagem já pronta: “Fernando, desculpa, mas tenho compromisso às 18h! Preciso sair. Mto obrigado pela monitoria!”. Ouço um “tudo bem” seco enquanto vou ao banheiro jogar uma água na cara.

Engraçado pensar que, agora, em um ou dois minutos você está em um outro lugar – uma outra reunião – sem muita pausa ou intervalo de deslocamento – não que eu tenha saudade do trânsito. Sem muito tempo para essas reflexões típicas de Twitter sobre o “novo normal”, entro no servidor do *Discord* – um programa que comecei a usar em 2015 para jogar *online*. Desde junho deste ano, porém, com a retomada das atividades à distância do cursinho popular de que eu faço parte, o *Arcadas*, tenho dado um outro fim – certamente mais nobre – para o *Discord*: por meio dele, passei a dar meus plantões para tirar as dúvidas de Matemática trazidas pelos vestibulandos.

O plantão do *Arcadas* sempre foi um momento importante da minha semana. Eu gosto dessa transição de papéis: deixar de assistir uma aula e passar a dá-la, ter passado o estresse do vestibular e poder, agora, dar conselhos aos alunos que enfrentam essa fase etc. Acontece que tudo isso ficou bem mais complicado com a pandemia, né? Às vezes penso no quanto essa “transição” foi complicada, principalmente para os alunos.

Enquanto os cursos da Faculdade tiveram continuidade logo de início – sem a realização de discussões necessárias sobre acessibilidade, é bem verdade –, as mudanças no *Arcadas* levaram mais tempo. No início, pegos de surpresa e sem experiência pedagógica à distância, foram enfrentadas grandes dificuldades. Eu e outros colegas nos disponibilizamos para respondermos dúvidas por WhatsApp, mas a procura acabou sendo

baixa, principalmente por muitos alunos não se sentirem confortáveis com esse novo modelo. Por cerca de dois meses tive, então, um contato bem baixo com os estudantes e a minha maior preocupação era justamente por saber a diferença que todo esse tempo faz em uma preparação pré-vestibular.

Minha digressão é interrompida por um bipe, que sinaliza a entrada de Alicia, aluna do Arcadas, no canal de voz. Pergunto como ela está e conversamos um pouco sobre a nova dinâmica de plantões *online* – com a qual tivemos que nos acostumar, principalmente a partir do avanço descontrolado da pandemia e a subsequente certeza de que um retorno presencial minimamente seguro seria impossível neste ano. Normalmente passaríamos mais tempo falando da pressão do vestibular ou mesmo de assuntos diversos, como forma de descontrair um pouco e tornar um pouco menos cansativa a resolução de problemas de Matemática. A pressa com que tudo acontece no ambiente digital, porém, parece ter diminuído ao mínimo os contatos pessoais e, assim, eu e Alicia passamos logo à dúvida que ela tinha em meio a uma das listas de exercícios.

Alicia já introduz a pergunta se desculpendo por se tratar de uma dúvida “muito básica”, simplesmente de aplicação de conceito. Tal ressalva dos alunos é recorrentemente feita nos meus plantões e me incomoda, pois percebo que os estudantes têm se culpado muito por não conseguirem absorver determinados conteúdos. Respondo que se trata de uma questão totalmente pertinente e passo a compartilhar minha tela para explicar o desenvolvimento necessário para responder o exercício. Na falta de recurso mais adequado, tenho usado o *Paint* mesmo – um programa que, digamos, é bastante tosco – para que os alunos visualizem minimamente o raciocínio.

Ocorre que, muitas vezes, a conexão instável de muitos alunos sofre com a combinação do áudio ao vídeo, causando uma série de interrupções, congelamentos de tela e comentários como “travou um pouco quando você começou a explicar o item b”. Entre repetições e novas tentativas, os alunos acabam absorvendo alguma coisa, mas certamente não tudo que seria necessário. Ao fim do contato com cada aluno, fica a sensação ambígua de que, por um lado, estamos e persistiremos fazendo o possível para viabilizar o aprendizado no contexto da pandemia, mas, por outro, há grandes prejuízos ao ensino, que atingem desproporcionalmente os alunos de cursinhos populares justamente pela falta de recursos tecnológicos e preparação pedagógica específica para a modalidade de ensino à distância.

Encerro o plantão e volto à minha rotina como estudante – marcada por horas de aulas atrasadas a serem assistidas e grandes montantes de tarefas a serem entregues.

Acho que o que mais resume o EAD é o esgotamento – meu e dos alunos do Arcadas –, decorrente de uma exaustão em permanecer o dia inteiro na frente de uma tela de computador, realizando inúmeras atividades e com pouquíssimo contato humano.

De toda forma, essa situação, ainda que tenha dificultado imensamente a atuação dos professores de cursinhos populares, também fortalece a consciência acerca da importância de defender e valorizar a educação popular. Cientes da ampliação das desigualdades no contexto da pandemia, temos ainda mais motivos para nos dedicar e lutar para a concretização do acesso ao ensino superior. Obviamente, enfrentando uma série de adversidades, como o próprio modelo de vestibular, que, para muitos, “*não deve ser utilizado para fazer política social*”. Assim, a luta por um vestibular que não olhe apenas para a linha de chegada, mas para toda a trajetória dos estudantes faz parte também da minha missão como professor de cursinho popular, especialmente no contexto da pandemia. Afinal, em um sistema que se diz pautado no mérito, o ingresso de estudantes na universidade não pode se basear na velocidade da Internet e no modelo de computador que o vestibulando tem em casa.

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

**Relato:**  
**Aluno de Cursinho Popular**



# Arte



# Relato: Aluno de Cursinho Popular

Na série literária de hoje, conheça a história de Gabriel (nome fictício), 20 anos, aluno de cursinho popular, Arcadas Vestibulares.

Sou, atualmente, um vestibulando e aluno do cursinho popular Arcadas Vestibulares, localizado na Faculdade de Direito da USP, o curso e a universidade que eu pretendo prestar. Mas claro que a Fuvest não é a minha única opção, porque não é nada fácil entrar na USP. Por mim, a preferência é sempre estudar numa faculdade pública, por causa da situação socioeconômica da minha família. Vou prestar vestibulares para algumas faculdades particulares também, mas só vou estudar numa particular se eu conseguir uma bolsa para me sustentar.

O ano de vestibulando nunca foi fácil, mas esse ano ficou ainda mais difícil por causa da pandemia de Covid-19. Foi muito problemática a transição e a adaptação para EAD. O Arcadas criou diversas formas para se adaptar melhor à pandemia, e às aulas à distância, no seu modo de ensino, material didático, entre outras coisas. Foram criados vários tipos de suporte para enfrentar os problemas que surgiram com o EAD. Foi criado o plantão por Discord, que tenta simular um plantão presencial. Plantões pelo e-mail das equipes, e contato direto com os plantonistas e professores, para aqueles que não conseguem frequentar os plantões nos horários fixos pelo Discord. As aulas são ao vivo pelo Meets, com as suas gravações ficando no drive e site, pensando em pessoas que não tem boa qualidade de internet para assistir as aulas ao vivo. Também ofereceram auxílios financeiros, como auxílio internet, e bolsas para o pagamento das taxas de inscrição para os vestibulares...

Mas mesmo assim, foi difícil me acostumar com a nova forma de estudo. No início da quarentena, pensava que voltaríamos às aulas normais em abril ou, no máximo, em maio. Mas, até agora não voltamos...

As aulas passaram a ser dadas virtualmente, muitas delas eram videoaulas. Por mim, assistir esse tipo de aula é muito mais cansativo do que assistir as aulas presencialmente, porque gasto muito mais tempo para uma aula com mesma duração. As aulas ao vivo são muito mais fluidas, e os alunos podem tirar as dúvidas na hora. Acabando nos 45 minutos de aula, os alunos não conseguem, mas também não precisam, pensar nas matérias dadas, e tentar assistir a aula de novo para pegar cada fala do professor. Nas aulas gravadas, acabo sendo muito perfeccionista. Se eu perco ou não entendo algo, preciso parar a gravação e voltar, reassistir o trecho até entender totalmente a matéria. Isso quase dobra o tempo da aula.

Além disso, tenho bastante problema com internet, a conexão cai e volta, isso me deixa bem estressado. Mas até agora não sei o porquê desses problemas, se é de internet mesmo ou é do meu computador, porque às vezes a internet funciona muito bem no meu celular, mas não funciona no meu computador.

Enfim, para me adaptar ao novo cenário, tive que procurar formas mais eficientes de estudo. Para isso, criei uma agenda e encaixei todas as pendências nela. Mas mesmo assim, no início da pandemia, ficava uma ou duas noites durante a semana sem dormir, porque não estava conseguindo fazer todas as tarefas, o que me deixava ansioso.

Além disso, tive que criar um espaço apropriado para que eu conseguisse estudar em casa, não existia esse espaço antes. No início da quarentena, tive que estudar na cozinha, já que não tinha mais nenhum outro lugar melhor para isso. Mas não dava certo, não conseguia estudar bem ... Ainda bem que minha mãe me apoiou bastante: ela pediu para que fizessem um móvel parecido com uma escrivaninha para o canto do meu quarto. Com isso, consegui me organizar e estudar melhor, e mesmo tendo sempre aqueles barulhos da família e do vizinho, já me acostumei e não me distraio mais.

Acredito que a minha situação reflete a situação de vários outros alunos, principalmente os do cursinho popular. No entanto, acredito que foi mais fácil para mim do que para meus colegas, porque já frequentei cursinho nos outros anos. As matérias dadas quando a quarentena começou e quando estávamos em adaptação (época mais desorganizada), eram as matérias mais básicas, que eu já tinha entendido por causa dos meus esforços nos outros anos. Mas para aqueles que estão no seu primeiro ano de cursinho, principalmente para quem era da escola pública, acredito que a transição deve ter sido mais difícil ainda. Porque, mesmo sendo básicas, as matérias podiam ter sido novas para eles e, para acompanhar os conteúdos do segundo semestre, a base do primeiro é de extrema importância.

Enfim, agora estou mais adaptado com EAD. Até vejo alguns pontos positivos das aulas remotas. Por exemplo, todos os materiais e as gravações das aulas ficam arquivados, posso dar uma olhada neles a qualquer hora sem ter medo de perder. Mas ainda sinto que o meu rendimento é maior com aulas presenciais. Como já falei, demoro muito mais para absorver os mesmos conteúdos e me distraio com maior facilidade. No ano passado, que também fiz Arcadas, conseguia fazer uma redação em pouco tempo, já que na SanFran existiam espaços mais apropriados e conseguia me concentrar mais. No EAD, fiquei com certa dificuldade para escrever as redações. Um outro problema do EAD é que a socialização ficou muito mais difícil, não tenho mais aquele intervalo entre as duas aulas para conversar com meus amigos e andar pelo pátio...

Mas, mesmo preferindo aulas presenciais, é preciso analisar com cuidado o seu retorno. Sem dúvida, todos os alunos deverão usar máscara. Mas, conforme vai passando o tempo, as pessoas vão se descuidando e deixando de usar. Não tenho nenhuma dúvida sobre isso. O perigo disso é a possibilidade de uma nova elevação de casos de coronavírus, o que seria terrível. Por mim, seria muito legal o retorno das aulas, até para ver os amigos, só que quando isso confronta a questão de saúde, acho que ela deve prevalecer.

Falando em adaptação, por causa da calamidade atual, sem dúvida alguma, o vestibular deve se adaptar ao contexto da pandemia. Para isso acho que é essencial o seu adiamento e redução dos conteúdos cobrados. O vestibular já era injusto, porque nem todo mundo recebe a educação necessária que a Constituição propõe. É uma ilusão pensar que todos sabem o que é um polinômio, por exemplo. A pandemia só tornou a educação mais injusta ainda. Em primeiro lugar, nem todos têm a infraestrutura necessária para acompanhar as aulas de forma remota. Segundo, nem todas as pessoas têm a mesma condição de se proteger contra o vírus e podem se dedicar totalmente ao estudo, sem precisar se preocupar com a condição financeira da família.

Por mim, quem está realmente conseguindo estudar são os mais favorecidos, que têm uma boa base de estudo, com ambiente e infraestrutura adequada, e que conseguem estudar de forma mais tranquila, sem se preocupar com questões financeiras ou com a saúde da família.

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

**Relato:**  
**Aluno de Cursinho Privado**

# Arte



## Relato: Aluno de Cursinho Privado

Na série literária de hoje, conheça a história de Alexandre (nome fictício), 20 anos, aluno de cursinho da rede privada, formado no ensino médio em 2019, que agora tenta, pela segunda vez, prestar ENEM para faculdade pública de direito.

Minha história, na verdade, não tem nada de excepcional, ela é bem comum no final das contas, por isso, talvez, descrever um pouquinho do que eu estou passando reflita na realidade de muitos outros jovens na mesma situação que eu. Estudei a maior parte da minha vida em escolas públicas, exceto nos meus segundo e terceiro anos do ensino médio, que concluí em instituição privada. A verdade é que essa mudança nas minhas séries finais nem se deu porque eu achava que estudar em uma escola particular me faria ter mais chances de passar no ENEM, como muitos pensariam, mas foi mais uma questão de disponibilidade mesmo: na minha cidade só existem três escolas que oferecem o ensino médio, sendo duas públicas e uma privada. Uma das públicas tinha uma professora de inglês que realmente não falava inglês, na outra, digamos que havia um alto nível de comercialização de drogas ilícitas entre os estudantes dentro do próprio ambiente escolar e, bom, a última, a escola particular, foi a única “normal” que restou. Ok, talvez eu tenha mudado para a escola privada porque, indiretamente, acabei percebendo que a estrutura das públicas era muito ruim.

Mas voltando um pouco para a minha história: eu concluí o ensino médio em 2019, mas, infelizmente, não passei no ENEM naquele ano. Meu sonho sempre foi fazer direito: sempre fui muito apaixonado pelas leis e pelas matérias de humanas de forma geral, especialmente história, para a qual eu dedico muitas horas livres do meu dia para ler sobre. Meu passatempo favorito (e também o assunto do qual mais gosto de falar) definitivamente é me informar sobre a história antiga, que vai desde Sócrates, na Grécia, até Napoleão, na França. Gosto, particularmente, desse período histórico e visito museus sempre que tenho a oportunidade. Pessoalmente, eu me encanto pelas armaduras de guerreiros medievais, gosto de ficar olhando por horas para uma no museu quando eu tenho oportunidade. Mas isso é outro ponto, onde estávamos? Ah sim, estava falando da minha paixão que combina lei, história e leitura no tempo livre. Essa é uma das razões pelas quais eu acho que o direito é perfeito para mim: acho que meu gosto combina com a grade do curso. E por amar tanto direito, mesmo não tendo passado “de primeira” no ano passado, não pretendia considerar nenhuma outra opção que fosse menos concorrida, apenas para entrar em uma “Federal”. Definitivamente achei que seria melhor me dedicar mais um ano e insistir no meu sonho, ao invés de simplesmente desistir dele para agradar às expectativas externas.

Enfim, terminei o ensino médio ano passado e já me matriculei em um cursinho de pré-vestibular no início do ano, também em instituição privada (até mesmo me mudei de cidade para fazê-lo). Antes da quarentena, estava morando com o meu primo, que também era vestibulando e fazia o mesmo cursinho que eu. Estava indo tudo bem: eu estava me preparando para um novo ENEM, conhecendo os meus colegas de classe etc. quando, de repente, veio a pandemia. E tudo mudou. Tive que voltar para a casa dos meus pais na minha cidade natal e o cursinho se tornou EAD em pouco mais de uma semana depois. Porém, essa transição do ensino presencial para o remoto, foi relativamente tranquila se comparada a de outros alunos do Brasil, porque minha realidade econômica sempre foi muito confortável: nunca tive dificuldades para me manter, minha educação básica foi muito boa, meu cursinho tem uma estrutura excelente e se adaptou bem na plataforma on-line, além do que tenho internet e computador em casa disponíveis para estudo. Nunca precisei trabalhar e meus pais sempre apoiaram meus estudos. Então, meu ensino durante a pandemia acabou refletindo essa realidade estrutural que me acompanhou desde sempre: não senti nenhuma perda de qualidade e continuei tendo as aulas normalmente, todas nos mesmos horários (segunda a sexta, das 13 às 18 horas), com uma boa distribuição entre todas as disciplinas, plantão de dúvidas pela parte da manhã e WhatsApp dos professores disponibilizados para termos um contato mais direto etc. Além disso, continuei com simulados semanais e redações corrigidas como sempre.

Além disso, sinto, inclusive, que o sistema de aulas remotas melhorou a minha qualidade de estudos, porque o material extra disponibilizado pelos professores ficou maior: eles postam mais exercícios, temas de redação e slides explicativos do que antes. Também não há cobrança em relação às entregas, o que não me deixa sobrecarregado: faço os exercícios no meu ritmo e conforme acho que será melhor para o meu aprendizado. Parte-se do pressuposto de que nós, alunos do cursinho, já estamos interessados nesse estudo direcionado para o ENEM e sabemos regular a quantidade de dedicação necessária para cada matéria, de acordo com nossos objetivos e facilidades para passar na universidade.

A minha transição para o EAD, com certeza, foi a mais confortável possível materialmente falando: a internet da minha casa não é tão boa (2Mb), mas minha família é super compreensiva e, enquanto estou tendo aulas, eles evitam se conectar para que eu possa assisti-las tranquilamente. Nunca tive problemas com o acesso à internet. No entanto, dentro de casa, sinto uma pressão familiar maior do que antes, o que por um lado é positivo, pois me obriga a estudar mais, mas de outro lado, me deixa com uma sensação um pouco conflitante: sinto que, no fundo, meus pais não acreditam que vou conseguir passar em uma universidade federal esse ano para cursar direito, o que sempre foi o meu



objetivo. Mas a ansiedade de estar prestando a prova pela segunda vez (e de além disso ela ter sido adiada esse ano) já é tão alta que costumo dizer que estou “anestesiado” por dentro: não sinto mais nada, apenas continuo estudando, apesar do estresse, torcendo para que este período acabe logo. Em relação a mim, já me sinto bem confiante e preparado para prestar o exame.

Minha rotina varia de acordo com as aulas que vou ter ao longo do dia. Mantenho sempre uma carga horária de estudo extra de duas horas pela parte da manhã, além dos simulados e redações. Durante a tarde, assisto às aulas de exatas, na qual tenho mais dificuldade (química e matemática sobretudo), mas falto na maioria das aulas de humanas, como as de português, filosofia etc. Biologia, um meio termo entre o norte de humanas e exatas, eu costumo assistir, já que também não tenho tanta facilidade. Falto às aulas cujos temas já sei que domino para me dedicar àqueles que ainda estão faltando para fazer uma prova de qualidade. Como a carga horária entre humanas e exatas é muito bem dividida, e meus dias mais e menos atarefados também são bem distribuídos ao longo da semana: os mais difíceis são quinta e sexta-feira, e os menos, segunda e terça (quarta-feira é um meio termo). É uma rotina, em geral, bem tranquila, no entanto, porque agora, como estou morando com os meus pais e estudando em casa, não tenho mais que me preocupar com faxina, cozinha ou transporte público. Além disso, minha casa é um ambiente de estudos bem tranquilo: moro apenas com minha mãe, meu pai e meu irmão e todos eles fazem silêncio enquanto assisto às aulas.

Em relação ao ensino do nosso país, vejo, em geral, uma situação muito complicada e triste, porque sei que sou privilegiado e há inúmeras pessoas que durante a pandemia não estão tendo a mesma oportunidade de acesso à internet e ao ensino que eu. As escolas públicas, sobretudo, são as que mais estão sofrendo nesse período. Acho que o melhor investimento do governo está nas instituições de ensino superior, e não nas de fundamental e básico. Sei também que muitos colégios não possuíram a infraestrutura necessária para retornar às aulas presenciais agora, por não conterem um nível mínimo de espaçamento entre as carteiras para os estudantes, álcool gel suficiente, e até mesmo recursos básicos para qualquer situação, como água, pias etc. Inclusive, se as aulas presenciais retornassem hoje, me sentiria inseguro até mesmo dentro do meu próprio cursinho, que é privado, porque há muitos alunos para salas pequenas, um espaço propício para o contágio do coronavírus. Não vejo uma situação ideal para o ENEM dentro do contexto da pandemia. Penso que a prova, de forma geral, já não era muito justa com os estudantes que tinham acesso ao ensino regular, já que ele cobra de forma uniforme e muito genérica todas as matérias, independentemente do curso de escolha da pessoa

(preferia que ele fosse feito nos moldes de alguns vestibulares, como a FUVEST, por exemplo, em que há uma parte geral e outra específica), quem dirá agora que muitos, que já enfrentavam graves problemas de estrutura, não concluíram nem o terceiro ano.

No entanto, para todos os efeitos, meu processo de aprendizado continua sendo muito prazeroso de forma geral e tenho dedicado ainda mais horas livres para leituras externas sobre história, como tinha dito anteriormente. Não tenho tido muito contato com meus antigos colegas de classe durante o EAD, mas não me sinto desconfortável com isso, porque tive muito pouco tempo para conhecê-los antes do distanciamento social, então não criei vínculos de amizade fortes (para falar a verdade, não criei vínculo nenhum, demoro um pouco para fazer amizades), mas imagino que para as pessoas que já tinham um grupo de amigos formados, deva estar sendo difícil essa ausência. Meu contato com os professores aumentou pela maior disposição para nos prestar assistência nesse momento e, por fim, sinto-me apenas ansioso e um pouco frustrado com a nova data do ENEM (quanto mais cedo melhor para acabar logo com a minha ansiedade). Mas sei que se não passar esse ano também ficará tudo bem, porque estudarei em uma faculdade privada próxima à minha cidade e prestarei direito de qualquer forma, mesmo que não seja na minha primeira opção.

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

**Relato:**  
**Aluna de Ensino Médio**  
**Privado**

# Arte



# Relato: Aluna de Ensino Médio Privado

Na série literária de hoje, conheça a história de Fernanda (nome fictício), 19 anos, aluna de 3º ano de Ensino Médio de uma escola particular.

Tenho muito prazer em aprender novas coisas, porque, para mim, viver é absorver novos conhecimentos. No entanto, nunca gostei de estudar para vestibular, acho algo tão proposital, parece que o único objetivo da vida é passar nessas provas. Isso deixa as pessoas, pelo menos eu, bem estressada e irritada. Sempre preferi procurar leituras e conhecimentos de fora do ensino formal, que constroem o meu repertório cultural e são prazerosos.

Mas, querendo ou não, vestibular é algo que precisamos enfrentar. Sempre fiquei com dúvida de que curso prestar, mas, esse ano, decidi que vou prestar arqueologia, por ser algo que me interessou bastante. O problema é que esse ano, além de ser o meu ano de vestibular, é um ano bem atípico para todos, por causa da pandemia e do isolamento social.

Confesso que no início da quarentena fiquei feliz, porque não precisava mais acordar às 6h00 todos os dias, pegar o metrô lotado e ir à escola. Além disso, todas as aulas e materiais ficam disponíveis na plataforma virtual do colégio, podia assistir as videoaulas a hora e quantas vezes que quisesse, sem medo de perder nenhuma fala do professor e nem as matérias dadas... Tudo ficava no meu controle.

Além disso, tenho um espaço bem apropriado em casa para estudar, que é o meu quarto, onde tenho uma escrivaninha para pôr todas as minhas coisas. Por morar num condomínio no qual é proibido a produção de grande ruídos, consigo estudar tranquilamente. Às vezes até tem uns ruídos vindos da rua, mas não é algo que me distrai, porque já me acostumei com esses sons depois de morar tantos anos no mesmo lugar.

Mas, com o passar do tempo, fiquei mais estressada por causa da pandemia. Percebi que as videoaulas são muito mais chatas por serem menos interativas, e a consequência disso é que me distraio facilmente com qualquer coisinha que acontece em casa, não consigo prestar atenção no conteúdo, mesmo depois de assistir várias vezes a mesma gravação. E por causa dessa falta de interação, também não consigo mais tirar as dúvidas com professor na hora, preciso anotar tudo e perguntar depois para algum plantonista. O problema é que nem sempre eu consigo ir aos plantões ou anotar todas as minhas dúvidas.

Além disso, tenho bastante dificuldade no planejamento dos meus dias. Não sei se isso acontece com todo mundo, mas, comigo, ou eu fico extremamente atarefada, tentando pôr em dia todas as matérias, estudando para prova, fazendo revisão e treinando com os exercícios; ou faço literalmente nada, fico assistindo séries, lendo livros, cozinhando ou fazendo qualquer outra coisa, menos estudar. Essa falta de planejamento me deixa mais estressada ainda nessa quarentena. Sempre sinto que estou com pendências, mas não tenho a vontade de fazer nada.

Uma coisa é que, comparando com algumas colegas minhas, tenho a sorte de não ter passado nunca por problemas de internet, pelo menos até o momento. Talvez porque todas as minhas aulas são gravadas, então mesmo que a internet caia por algum tempo, ou não percebo ou não tenho a pressão de ter que assistir a aula no momento. Posso, muito, esperar até internet voltar para acessar os materiais de estudo.

Acho que não existe a dúvida de que o ensino no nosso país é bastante desigual, principalmente quando se faz a comparação da qualidade da educação entre as escolas públicas e privadas. Talvez esse problema tenha se agravado durante a pandemia, porque pode ter pessoas que não têm acesso à internet de boa qualidade, por exemplo. Por isso sou a favor do adiamento do vestibular, para que as pessoas recuperem as matérias deixadas por trás e para que se preparem mais para uma prova que será realizada com o uso de máscara.

Mas o vestibular, da forma que ele ocorre atualmente, é essencial. Acredito que quem realmente quer aprender e entrar numa boa faculdade, correrá atrás das matérias e se esforçará bastante, independentemente de ser ou não o período de pandemia. Já quem não quer aprender e não se esforçou o suficiente, mesmo que estivesse em situações normais, não conseguiria passar em vestibulares mais concorridos.

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

# Relato: Professora de Ensino Médio Privado

# Arte





# Relato: Professora de Ensino Médio Privado

Na série literária de hoje, conheça a história de Regina Aldo (nome fictício), 32 anos, professora de colégio de elite e ex-professora de colégio de rede educacional privada e da rede pública de ensino.

Manhã:

-Bom dia, Fê. Hoje você fica na sala?

-Ah... Bom dia... Pode ficar, vou aplicar prova – Fala ele sonolento enquanto saio da cama.

O dia começou melhor que a média. Acordar cedo não é lá minha atividade favorita, mas pelo menos hoje dou aula na sala, é lá que está o computador de mesa e uma cadeira melhor, é mais agradável do que o quarto, que foi preparado no improviso e na correria de adequar dois professores em um apartamento do centro.

O sortudo do meu marido só começa no segundo horário, já pra mim, é o dia mais cheio.

Primeiramente, dou aula de redação, não sei como meus alunos aguentam uma matéria assim às 7:30 da manhã. Talvez seja o espírito batalhador do vestibulando, ou talvez só não aguentem, e durmam durante a aula mesmo, afinal, não consigo ver se estão lá. Não gosto de pensar assim, fica muito solitário.

Longe de ser uma sala ruim, na realidade, adoro eles! Fizeram uma surpresa no meu aniversário e ligaram todos as câmeras, isso mesmo, todos. Morram de inveja, professores da pandemia.

Na verdade, nem reclamo dessa sala. Meus alunos do terceiro ano compraram a ideia de abrir as câmeras, principalmente depois da campanha “ligue uma câmera”, que fizeram pelo facebook da instituição, e também deve ajudar a lidar com toda a situação da distância. O que é uma bênção, já que primeiros e segundos anos dificilmente “dão as caras” nas aulas.

Mais tarde, já dando aula...

- [...] nunca se esqueçam de indicar de onde vocês tiraram os dados para a sua redação. Não precisa de uma sabedoria absurda, estilo Sherlock Holmes, calma, vestibulando, é o suficiente apontar o órgão, a mídia ou o livro, tudo bem?... Turma?

...

- Turma?

Droga. Acho que caiu a conexão.

- Ô Fê!??

- Sim, caiu... – ecoando pelo apartamento, chega a triste confirmação.

Cinco minutos depois, minha conexão ressurgiu das cinzas.

-Perdão, turma, minha conexão caiu.

Logo leio no chat que o monitor da sala passou um exercício de sintaxe nesse meio tempo. E sim, minhas turmas têm monitores pagos para organizar a sala e cuidar de problemas técnicos. É bem conveniente, mas não é como se eu tivesse muitos problemas atualmente, já estou acostumada e o colégio nos deu cursos sobre as ferramentas online, antes mesmo de ser decretada a quarentena. Sentia ser uma “*digital influencer*” quando comecei a gravar video aulas para as turmas. Na verdade, ainda me sinto, mas agora com uma pitada de atendente de telemarketing.

Bem, não é de se admirar que, um colégio dessa magnitude, com filhos de pessoas tão ricas, não iria parar na quarentena, até porque os pais não pararam. Enquanto no colégio de elite as aulas estavam canceladas e ele nos dava cursos sobre edição de vídeo. No meu outro colégio, de uma grande rede de ensino massificada (dezenas de milhares de alunos pelo país), eu tomava café na sala dos professores, sem que ninguém soubesse o que estava por vir. Pobres de nós, professores, não sabíamos de nada, inocentes. O resultado foi uma diferença de um mês de aula, entre os colégios, sem contar o período de transição, necessário para o colégio mais despreparado.

O clima na grande rede ficou pesado, aconteceram ameaças de demissão, caso os professores não cumprissem o estipulado pelas coorientadorias, haviam problemas de infraestrutura, e claro, a mesma repressão de sempre, mas com 200% a mais de caos. Era difícil ser feliz assim. Então saí de lá. Sinto que abandonei meus colegas e uma causa, só que não tinham mais condições de ficar.

Uma aluna me chama e minha mente volta pra aula, que preciso continuar.

- Oi professora! Está de volta?

- Ah sim, Camila, – adoro essa menina – podemos retomar a aula? Em que momento eu caí pra vocês?

Minha conexão não caiu novamente.

Ao fim da aula, tenho que satisfazer minha curiosidade, vou aproveitar o intervalo deles e ficar esperando pra ver quem se desconecta da sala na hora. Meu amigo e colega comentou outro dia que se o aluno realmente está na aula, ele sai assim que a gente finaliza. Ele *tinha* que me dar a ideia, não?

Espero 5 minutos, na sala de aula virtual ficam eu e seis alunos. Vendo isso, saio da sala também.

Bem, foi melhor do que eu esperava, digo, não mais do que eu esperava, só seis de quarenta ficaram mais tempo do que o razoável. Acho que não estou tão sozinha assim. Três devem ter esquecido de sair, os outros três eu sei que dormiram. Entendo, faria o mesmo. Talvez quatro dormiram.

Olhando, talvez pense que estou insegura com a minha popularidade didática, porém, não estou, só me preocupo com eles. Por exemplo, não baixei nenhum aplicativo de plágio, sei que não são tempos fáceis, mas por outro lado sei que eles têm uma equipe de coordenadores e psicólogos à disposição, e espero que aproveitem esse privilégio.

Além disso, eu sei que eles eventualmente vão passar no vestibular, alguns não são muito ambiciosos, outros tem muito potencial, contudo, nenhum deles não tem recursos para um cursinho ou grandes dificuldades em seguir uma vida sem faculdade, então, quanto a isso, estou tranquila. Só fico meio indignada quando esse meu aluno, que tem seu próprio computador, próprio quarto de estudos, ar condicionado e ele sequer entrega uma...

Esqueci de cobrar as redações, droga, vou ter que pedir pela plataforma.

Tarde:

-Boa tarde, Manoela! Fez a redação? – é hora das aulas particulares, tenho uma atrás da outra até 19:30, o dia mais cheio mandou um abraço. Ao menos essas aulas são mais pessoais. O que não afasta a impessoalidade da tela fria do computador.

-Acredita que me inspirei e fiz duas, professora?! - ela diz, animada.

Meus alunos estão levando muito a sério os estudos, nunca vi nada igual em doze anos de docência. Quem diria que trancar jovens em casa faria com que estudassem por conta própria? Claro que estou brincando, mas de fato estão aplicados. Parece que estão desenvolvendo uma independência, como a que se desenvolve na universidade, raro acontecer tão cedo. Autonomia, essa é a palavra. Se for realmente isso, quer dizer que estão amadurecendo... Como faz falta poder olhar nos olhos do aluno, antes eu sabia de tudo só de observar, como se sentia, se entendia ou não, se estava viajando ou só apaixonado, agora não sei nem se estão acordados, que decadência.

A Manoela é um caso especial, abri uma exceção no meu horário e agora dou aulas particulares de redação. Cheia de garra, ela, diferentemente do aluno de colégio, e tem uma história poderosa, veio do ensino público e engravidou na adolescência. Hoje, quer medicina, diz que quer obstetrícia, vamos ver se ela continua assim na graduação. Porém, o fato é que ela acabou de começar, e faltam cinco meses para o vestibular. Nesses momentos gostaria de viver num romance de Guimarães.

Noite:

-Bem, é isso. - penso alto assim que envio uma mensagem.

Às 8:00 tirei a última dúvida do dia, pelo próprio whatsapp, uma bela ponte quando tudo do lado de fora está caindo. Inclusive, alunos que nunca tiravam dúvidas passaram a tirar, curioso, o fato, mas também o aluno.

Só que meu dia ainda não acabou, mas chegamos na segunda fase. Agora preparo aulas e reflito sobre meus alunos, noite adentro.

O vestibular, que já era injusto, e cruel o suficiente, veio no mais novo modelo 2020, agora com mais insegurança e o triplo da desigualdade! Tudo isso pela preço da imodesta taxa de inscrição! A injustiça é tamanha que realmente acredito que ele deveria ser adiado, que deixassem os particulares acontecerem, mas que os públicos não perpetuem as sequelas desse ano tão... difícil.

Eu sei que a pandemia será a desculpa para muitos não passarem, inclusive muitos dos meus, mas eu realmente não durmo quando não é uma desculpa, é realidade.

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

**Relato:**  
**Professora de Ensino Médio**  
**Público**

# Arte



# Relato: Professora de Ensino Médio Público

Na série literária de hoje, conheça a história de Luzia Freire (nome fictício), uma professora de 38 anos, que leciona História para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio em escolas públicas do interior do Estado de São Paulo.

É interessante me recordar que eu sonhava em ser uma policial, mas, devido a um problema grave de coluna, não havia possibilidade de ser aprovada no teste físico. Por isso, quando terminei o ensino médio, me senti indecisa, não sabia exatamente o que escolher ou qual caminho seguir. Depois de um ano sem perspectivas, meu pai me incentivou a cursar História na faculdade particular, onde ele era professor do departamento, pois acreditava que eu precisava tomar um rumo na vida. Encurralada por tal atitude, parei para pensar na facilidade que sempre tive nessa disciplina e logo brinquei com ele, dizendo que se eu não precisava estudar matemática, então era isso o que eu faria.

Hoje, sou professora há 16 anos e não me vejo em outra profissão, apesar de todos os desafios presentes corriqueiramente na educação.

Lecionar no nosso país não é uma tarefa fácil, visto que o Estado não oferece um suporte adequado e, meus alunos, por exemplo, possuem estruturas familiares disfuncionais, o que torna as circunstâncias do ensino ainda mais complexas. Por isso, mesmo tentando me manter tranquila, as crises de ansiedade, muitas vezes, são inevitáveis, em razão das frustrações constantes causadas por acreditar demais na possibilidade de mudança da nossa educação.

A educação pública exige que parta do aluno o interesse em aprender, mas vários não possuem vontade estudar, inclusive, alguns me confessam estarem indo apenas pela merenda. Isso é realmente triste de se ouvir!

Com a pandemia, o desestímulo ao estudo aumentou. Somente 40% dos meus alunos têm feito as atividades desde a interrupção das aulas presenciais em março.

Eu sou cobrada pela coordenação a fazer semanalmente um roteiro com questões para ser contabilizada minha presença. Para isso, me baseio em aulas disponibilizadas aos discentes e docentes no aplicativo Centro de Mídias SP, que é uma ferramenta fornecida pelo Estado de São Paulo para auxiliar no ensino à distância.

E ainda me coloco a disposição para os alunos de uma maneira que habitualmente não faria, criando grupos de WhatsApp para cada sala e recebendo mensagens deles no privado a qualquer dia e horário.



Mesmo assim, a maioria dos estudantes não responde às perguntas e nem visualiza os vídeos, poucos são aqueles que me procuram para tirar dúvidas e uma única aluna, me pede para fazer chamada de vídeo, pois ela quer entender melhor o conteúdo da semana.

Penso que o acesso à internet não seja o verdadeiro impeditivo, pelo menos, para os meus alunos, porque em sala de aula usavam frequentemente o celular, o que demonstra que eles possuem aparelho e crédito para usar a rede. Eu não quero dizer com isso que não existam exceções, pois há, como o caso da Maria, que precisa emprestar o celular de sua mãe.

Se esse não é problema, então qual seria o real motivo para pessoas, antes participativas, terem mudado de conduta? Perguntei para mim mesma. E, ao conversar com algumas delas, descobri que, depois da suspensão das aulas presenciais, começaram a trabalhar em supermercados ou como babás e, no final do dia, se sentem exaustas, não conseguem estudar.

Vejo que essa situação piorou quando uma nota foi emitida pelo secretário da educação, comunicando que os alunos não deveriam ser reprovados neste ano, em razão das dificuldades causadas pelo momento pandêmico.

Mas, a inatividade dos alunos não recai sobre essas situações. Somos nós professores os responsabilizados e cobrados por nossos superiores como se não estivéssemos fazendo nada para que haja adesão a essa nova realidade.

Negligenciam todo nosso esforço e o fato de que usamos, na maior parte das vezes, recursos próprios. Não estamos tendo nenhum amparo nessa nova forma de ensino. Eu, por exemplo, tive que pegar emprestado do meu pai um computador bem antigo dele, enquanto, outros colegas de trabalho têm usado o celular dos filhos.

Fico indignada ao pensar que, depois de tanto tempo, apenas agora o Estado prometeu dar um auxílio de 2 mil reais para os professores comprarem um notebook. Isso, porém, em 24 parcelas e sob a condição de ser feito um curso de informática para receber esse apoio financeiro.

Além de tudo, eu sou mãe de duas crianças pequenas, de 5 e de 7 anos, que também estão tendo aula por meios virtuais. Então, preciso ficar sempre em cima para elas assistirem as aulas e fazerem suas tarefas, fora os horários de refeição e os cuidados básicos.

Enfim, acho que em termos de conteúdo, infelizmente, o ano já está perdido. Se houvesse um retorno às aulas presenciais agora, o aluno acabaria indo uma vez por semana por, no máximo, três horas para evitar aglomeração. Não compensa.

Antes da pandemia, os meus alunos já possuíam uma dificuldade muito grande de aprendizagem, de interpretação e de analisar imagem, além da falta de interesse pela

leitura. Tudo isso ficou ainda mais latente, pois o Estado cria propagandas idealizadas, que camuflam a verdadeira situação para quem não está inserido na unidade escolar.

Então, acredito que, diante dessas circunstâncias, a aplicação do vestibular este ano só se torna mais injusta, sendo que até o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) foi cancelado. Mas, caso ocorra, sei que tenho alunos capazes de enfrentar essa adversidade, porque eu, enquanto professora, preciso crer no potencial deles, senão minha profissão não faz sentido.

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

**Relato:**  
**Aluna de Ensino Médio**  
**Público**

# Arte



# Relato: Aluna de Ensino Médio Público

Na série literária de hoje, conheça a história da Márcia (nome fictício), 17 anos, aluna do ensino médio que está cursando o seu 3º ano em uma escola pública estadual no interior de São Paulo.

Quando ele, o vírus, chegou, nossas vidas ficaram em perigo! Poderíamos morrer!

A ciência sabia que a maioria das pessoas iria sobreviver ao ataque do coronavírus. Iria morrer a minoria... Mas, o Brasil é um país com grande desigualdade social, a dita “minoria” pode ser até a maioria da população. Além disso, as minorias são mais do que simples números. Pessoas são mais que simples números! Todos nós, fazendo parte da maioria ou da minoria, merecemos viver!

Ficamos em casa, em isolamento social.

Nos longos dias que se seguiram, a incerteza quanto ao prosseguimento das aulas e a ansiedade quanto ao nosso futuro chegaram fortes.

Passamos a ter aulas pela internet, o que nos trouxe desafios inesperados.

Eu e meus dois irmãos tivemos que nos adaptar com um só computador e com nossos celulares, que não são dos melhores... E, ainda, nossos planos de Internet são limitados.

Percebi que os professores também estavam enfrentando muitas dificuldades para trabalhar com a internet. Era visível o desconforto inicial que eles tinham para trabalhar o conteúdo das disciplinas conosco de modo virtual.

A realidade mudou para meus pais, meus irmãos, para mim e para todos. Especialmente para meu grupo familiar. Tínhamos que lidar com as dificuldades econômicas, que já existiam e aumentaram com o isolamento social. Tratava-se de lidarmos uns com os outros em circunstâncias geradoras de ansiedades e incertezas. Tínhamos que dividir, entre o grupo familiar, os nossos recursos materiais e emocionais. Não foi fácil! Não está sendo fácil!

Meus pais ficaram em casa por algum tempo, incertos quanto à manutenção de seus empregos. Eu e meus irmãos seguem com as aulas online, mas com muita dificuldade, pois a conexão que temos não é das melhores e apresenta instabilidade.

Agora meu pai voltou ao trabalho. Minha mãe, que é empregada em uma loja de roupas, voltou também. No entanto, o movimento comercial diminuiu muito e ela está com uma remuneração menor.

Em relação às nossas aulas, o que nos ajudou bastante foi o uso do WhatsApp. Na realidade de escola pública, grande parcela de alunos passa por dificuldades econômicas, portanto o WhatsApp é o meio de comunicação mais prático e mais acessível. Dessa forma, os professores da minha escola elegeram essa rede social como a mais útil, porque eles comunicam conosco através desse aplicativo, para transmitir vídeo aulas e para esclarecer dúvidas sobre os exercícios que fizemos. Ajuda bastante.

Mesmo assim, vários colegas não têm acesso nem sequer ao whatsapp. E há outros colegas que vivem na zona rural da minha cidade e lá, quando tem o sinal da internet, é muito instável. Como forma de tentar solucionar estes dois problemas, sei que os professores mandam os exercícios e atividades para a escola. Lá, em alguns dias da semana, os coordenadores fazem plantão para que os alunos ou pais busquem as atividades e realizem em casa. No entanto, essa solução não é uma solução! É óbvio que esses alunos são os mais prejudicados em seu aprendizado!

Acho que todos nós fomos prejudicados por essa situação. Inicialmente, eu até gostei de ficar em casa, sem acordar tão cedo. No entanto, percebi que sinto falta dos colegas e dos professores, e, por mais incrível que pareça, sinto falta até das disciplinas nas quais tenho mais dificuldade para aprender, porque acho que, presencialmente, eu entenderia melhor essas matérias! Enfim, sinto falta da minha rotina de ir todos os dias à escola e encontrar pessoas lá, mesmo com os problemas que há na escola. A gente meio que já se acostumou com esses problemas. Mas isso não é uma coisa boa. Eu gostaria que a escola tivesse mais coisas interessantes para oferecer para os alunos.... Sei lá, gostaria que a gente participasse mais das decisões do dia a dia da escola.

Estou fazendo o último ano do ensino médio e não sei quando vou fazer faculdade. Também não estou bem certa do que quero prestar no vestibular... Às vezes, penso em engenharia, outras vezes, penso em administração... De qualquer forma, só vou tentar decidir no próximo ano. Este ano "já deu". E depois do vestibular vou ter que procurar um emprego e tentar fazer a faculdade à noite. Estudar na faculdade pública é muito difícil, são muitos alunos para poucas vagas. E eu não tenho condições econômicas para pagar um cursinho de vestibular. Talvez eu faça novamente o terceiro ano do ensino médio... É uma possibilidade que a Secretaria da Educação nos ofereceu.

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*

# Conclusão



# Arte



# Conclusão

A nossa série de relatos, Ensinos na Pandemia, teve como objetivo trazer, por meio de vivências particulares na pandemia do COVID-19, pensamentos e circunstâncias recorrentes do ensino. E, a partir disso, abordaremos neste último texto uma análise da educação brasileira sob à luz do direito e da concepção de discriminação. Lembrando que a finalidade não é de generalizar experiências singulares, como ocorre quando se analisa apenas gráficos e dados, mas de se observar os elementos que se comunicam nas histórias para, com isso, tentarmos entender uma face mais realista do nosso ensino.

## **A desigualdade do acesso à internet**

Inicialmente, é necessário perceber que a internet é uma ferramenta multiuso, que serve, inclusive, para a efetivação de inúmeros direitos fundamentais, dentre eles, a educação. Por esse motivo, em 2011, foi reconhecido a importância do amplo e irrestrito acesso à internet pela a ONU (Organização das Nações Unidas), à medida que se declara tratar de um direito humano.

No entanto, não foi o suficiente para democratizar o acesso à internet, visto que o Brasil ainda apresenta cerca de 46 milhões de pessoas excluídas dessa rede, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) realizada em 2018. A principal razão para tal cenário de desigualdade é o elevado preço dos aparelhos tecnológicos e da própria internet, que se tornou um obstáculo para o direito efetivo. Com a pandemia da COVID-19, houve um agravamento dessa disparidade, devido às exigências de uma continuidade atípica da vida nos moldes virtuais, o que, conseqüentemente, prejudicou o acesso à educação.

Assim como foi trazido pela nossa série de relatos, esse fato é observado pelo fechamento dos estabelecimentos de ensino, que gerou a necessidade de transportar as aulas para o modelo à distância. Mas, nem todas as instituições conseguiram fazer essa transição. Muitas das escolas públicas tiveram seu funcionamento afetado, devido à falta de infraestrutura e de suporte aos professores e alunos, aumentando, com isso, as barreiras socioeconômicas para educação.

Enquanto os estudantes da rede privada, por terem, em sua maioria, condições econômicas para garantir o acesso à internet, continuaram se dedicando aos estudos e preservando suas oportunidades.

### **A violação do direito à educação**

A Constituição Federal (CF) estabelece que a educação é um direito de todos, o que não tem correspondência com a realidade de nosso país, onde 11,3 milhões de brasileiros com 15 anos ou mais não foram alfabetizados, de acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2018.

Esse problema foi acentuado com a pandemia, pois o Estado não forneceu os meios adequados para o acesso ao ensino remoto, conforme é previsto em nossa legislação. Então, o dever estatal de garantir equipamentos e internet gratuita para aqueles que precisam foi desconsiderado, deixando a cargo dos professores e alunos conseguirem esse aparato tecnológico com recursos próprios em meio às desigualdades sociais e ao contexto de crise econômica. Diante disso, o resultado é o aprofundamento das diferenças educacionais.

O governo, além disso, incoerentemente pressionou a reabertura das escolas e manteve a aplicação dos vestibulares, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), sendo que essa postura viola o princípio constitucional da valorização dos profissionais da educação, ao não fornecer os meios necessários para a continuidade das atividades remotas, mas, em contrapartida, gerar uma cobrança excessiva do desempenho dos professores e de seus alunos como se fosse de sua exclusiva responsabilidade.

### **A discriminação da realização do ENEM**

As desvantagens sociais estão associadas não apenas à condição financeira de um indivíduo, mas também ao grupo para o qual é destinado, em razão de determinadas características que apresenta. Isso se deve ao padrão de normalidade atribuída à particularidade do grupo dominante em nossa sociedade, que se representa pela figura do homem branco heterossexual e sem nenhum tipo de deficiência. Com isso, as pessoas que se diferenciam em qualquer medida desses aspectos referenciais são tratadas de modo desfavorável. Tal problemática social é

refletida no direito, por meio de normas genéricas ou designadas a uma categoria específica, que ocasionam desigualdades ao serem aplicadas.

Nessa perspectiva, as teorias da discriminação direta e indireta nos ajudam a entender quais são as formas e como é promovido esse tratamento desvantajoso a certos grupos. Por um lado, a discriminação direta, segundo Adilson José Moreira, consiste no tratamento arbitrário destinado a uma pessoa com a intenção de excluir suas oportunidades sociais, devido a uma característica distinta do grupo dominante. A existência de tal discriminação é comprovada, quando uma pessoa do grupo majoritário, nas mesmas circunstâncias, é tratada de maneira diferente. A discriminação indireta, por outro lado, muitas vezes não possui a finalidade de gerar efeitos negativos sobre determinados grupos, mas a implementação de uma norma jurídica, política pública ou decisão institucional, que se estabelece indistintamente à toda população, produz consequências desproporcionais nos grupos sociais minoritários, acentuando as desigualdades já existentes. Identifica-se esse modo de discriminação, por exemplo, em regras do nosso direito que são impostas a todos, porém, afetam grupos específicos de maneira negativa.

Ao analisar a decisão do Ministério da Educação (MEC) de realizar o ENEM nos dias 10 e 17 de janeiro de 2021, verifica-se uma clara discriminação indireta. Esse órgão, ao decidir que as provas seriam aplicadas em janeiro, sob o pretexto de atraso no calendário das faculdade e inviabilidade do ingresso dos aprovados no primeiro semestre de 2021, ignorou a data de preferência dos estudantes indicada na pesquisa online feita pelo próprio MEC. A escolha ministerial, além de ser antidemocrática, se trata de um ato de discriminação indireta, uma vez que a data destinada a todos os participantes causa efeitos desproporcionais nos grupos mais afetados pela pandemia, no caso, os estudantes sem a estrutura adequada para manter seus estudos remotos durante a pandemia, sobretudo os alunos de escola pública que sequer conseguirão concluir o terceiro ano do ensino médio em 2020, já que não tiveram nenhuma aula durante o ano.

### **Direito e a discriminação**

A desigualdade educacional não decorre apenas desse episódio, trata-se de um problema estrutural brasileiro, que se evidencia, principalmente, pelo ensino público de qualidade precária proporcionado a nossa população, enquanto o ensino

privado oferece uma melhor formação aos alunos, devido aos investimentos particulares. Essa diferença no sistema de educação, no entanto, se configura novamente como uma descumprimento do Estado, visto que ele possui a obrigação constitucional de garantir padrão de qualidade e equidade. Assim, confirma-se que a ausência de financiamento adequado na educação é um direito social violado.

Apesar do foco dos relatos Ensinos na Pandemia ter sido essa influência das desigualdades econômicas no ensino, é necessário ressaltar que as desvantagens sociais são cumulativas, de modo que uma pessoa de baixa renda, além de ter dificuldade no acesso à educação, pode apresentar características diferentes do grupo dominante, reduzindo ainda mais suas oportunidades. Como pode ser observado no caso das pessoas com deficiência, que, embora tenham o direito ao atendimento educacional especializado, assegurado pela CF, não possuem correspondência na prática, pois, na realidade, mais da metade das escolas, tanto públicas quanto privadas, não possuem nem ao menos dependências acessíveis, segundo estudo da plataforma QEDu do Censo Escolar de 2016. Isso demonstra que a deficiência já se encontra na infraestrutura das instituições de níveis escolares básicos, criando uma barreira ainda maior para o acesso isonômico ao ensino superior.

Outros grupos minoritários como a população negra e parda também possuem seus obstáculos ampliados para o acesso à educação, pois, mesmo sendo o segmento predominante entre brasileiros, somente em 2018 se tornou a maioria nas instituições de ensino superior público, de acordo com o IBGE.

A partir desses exemplos, fica claro que as questões sociais para a garantia de uma educação para todos no Brasil são ainda mais complexas.

### **Conclusão**

Diante do exposto, espero que você, leitor, tenha percebido o quão grande é a desigualdade do acesso ao ensino em nosso país e que ela decorre da influência de múltiplos fatores, como os efeitos das normas, das práticas institucionais e da própria condição das minorias. Nesse quadro, atualmente, soma-se um agravante: a necessidade do acesso à internet gerada pela pandemia. Com isso, as discriminações sociais e os direitos constitucionais esvaziados ficaram ainda mais

evidentes, pois são poucos os alunos da rede pública que conseguiram aderir ao ensino virtual e manter seus estudos. Perante essas circunstâncias, a aplicação dos vestibulares e, principalmente, do ENEM nas novas datas ajustadas representa uma discriminação indireta, visto que se trata de uma decisão de órgão estatal voltada a todos estudantes, mas que terá efeitos desproporcionais para aqueles que não tiveram seu direito à educação preservado durante o isolamento social. Dessa forma, ao privar que o mínimo de justiça seja estabelecido para o acesso ao ensino superior, a intensificação do desequilíbrio socioeconômico se torna inevitável.

Esse projeto foi desenvolvido no decorrer do curso de Direito e Discriminação, ministrado pelo professor Conrado Hübner Mendes, da Universidade de São Paulo.

Agradecemos a todos que nos acompanharam até aqui!

## Créditos

- Introdução por Maria Helena Cabrera
- Relatos:
  - Professor de Cursinho por Lucas Calmon
  - Aluno de Cursinho Popular por Ana Chen
  - Aluno de Cursinho Privado por Maria Eduarda Ribeiro
  - Aluna de Ensino Médio Privado por Ana Chen
  - Professora de Ensino Médio Privado por Gustavo Akira
  - Professora de Ensino Médio Público por Juliana Rosa
  - Aluno de Ensino Médio Público por Maria Helena Cabrera
- Conclusão por Juliana Rosa e Maria Eduarda Ribeiro
- Mídia por Ana Chen, Gustavo Akira e Lucas Calmon

Um agradecimento especial à Gazeta Arcadas e ao Cursinho Arcadas Vestibulares!

Mais do nosso projeto, postagens às quartas e sábados, até a conclusão! Acesse e compartilhe!

Introdução - <https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia/>

Relato: Professor de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/13/ensinos-na-pandemia-2/>

Relato: Aluno de Cursinho Popular -

<https://gazetaarcadas.com/2020/11/14/ensinos-na-pandemia-relato-aluno-de-cursinho-popular/>

Relato: Aluno de Cursinho Privado - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Privado - *Em breve*

Relato: Professora de Ensino Médio Público - *Em breve*

Relato: Aluna de Ensino Médio Público - *Em breve*

Conclusão - *Em breve*